



Esculturas

Materiais e Técnicas



São Pedro Papa

Século XVIII

Madeira policromada e dourada
Portugal

*Pertencia à Igreja de São Pedro
dos Clérigos, São Paulo, SP*



INTRODUÇÃO

Escultura devocional ou imaginária religiosa é aquela que visa à representação tridimensional dos que figuram na fé cristã, Jesus, Maria, Anjos e Santos, a fim de serem utilizadas nas igrejas, procissões e no ambiente doméstico.

O atual território brasileiro, nos três primeiros séculos de colonização, acompanhou, por meio dos estrangeiros, a introdução e o aumento expressivo dessa produção, que objetivava a disseminação do catolicismo e a catequização dos indígenas. Da importação de Portugal à produção nacional, os principais recursos materiais para produzir as imagens foram o barro e a madeira. O primeiro, fortemente utilizado no século XVII, com a produção concentrada nas Oficinas Conventuais, enquanto a madeira ganhou força no século seguinte, quando a produção passou para as mãos dos artesãos leigos.

A coleção de imaginária do Museu de Arte Sacra de São Paulo possui exemplares feitos em madeira, barro, gesso, metal, pedra e papel machê, o que permite analisar as mudanças da forma, das técnicas e dos usos a partir do material empregado na confecção das esculturas.



O SÉCULO XVII E A PRODUÇÃO EM BARRO



Este período concentra a produção de esculturas em espaços de conventos e mosteiros, de ordens religiosas (Jesuítas, Beneditinos, Franciscanos e Carmelitas). Cada ordem possuía sua oficina de produção, e contava com a mão de obra dos próprios religiosos – daqueles que demonstravam aptidão para trabalhos manuais. Da quantidade de peças que chegaram aos nossos dias, grande parte foi produzida em barro, indicando ter sido esse o material de predileção dos religiosos artesãos, com exceção dos Jesuítas, que optaram pela madeira.

O uso recorrente do barro deve-se provavelmente à facilidade em encontrá-lo e manuseá-lo, por meio da modelagem. Cada ordem produzia seus santos de devoção, respeitando os itens de iconografia. As imagens, geralmente produzidas para serem colocadas em altares, eram ocadas e passavam pelo processo de queima. Em seguida, recebiam acabamento com policromia. As limitações do próprio ma-



Santo Antônio
Século XVII
Barro policromado

São Paulo, SP

terial faziam com que as esculturas, se comparadas com as de madeira, apresentassem simplificação da forma, com poucos volumes e exageros, o que seria muito explorado no século seguinte.

O SÉCULO XVIII E O USO DA MADEIRA



A expulsão dos jesuítas (1759) resultou no enfraquecimento das demais ordens religiosas e com isso a produção de esculturas devocionais passou para as mãos dos leigos, que também erigiram templos religiosos – as conhecidas igrejas das Ordens Terceiras, irmandades ou confrarias.

As associações leigas, responsáveis pelas encomendas de imagens, reportavam-se aos mestres artesãos estrangeiros ou mesmo oficiais brasileiros. É nesse período que aparecem grandes nomes como Francisco Xavier de Brito e Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho, ambos com obras no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

A madeira, como matriz para as esculturas, ganhou visibilidade, por conferir maior realismo e riqueza em detalhes, com complexa técnica de policromia. O trabalho era geralmente dividido por especialidade, entre a escultura e a policromia. Cabia ao escultor etapas como a escolha, preparação e entalhe da madeira, e no caso das peças mais complexas, colocação de olhos de vidro, língua e dentes de marfim. O policromador incumbia-se do acabamento da escultura, preparando-a com alvaiade ou carbonato de cálcio, a fim de deixá-la com superfície lisa e uniforme para as camadas seguintes de policromia. Ainda eram tarefas deste artífice a carnação (aspecto de pele) e o estofamento (representação de tecidos), que incluía o douramento, com a aplicação de finíssimas folhas de ouro.

Além das esculturas colocadas nos retábulos das igrejas, a madeira também foi utilizada em outra tipologia de imagem, as que, confeccionadas para serem transportadas, saíam às ruas nas procissões: as imagens de roca.

IMAGEM DE ROCA



Esse tipo de imagem era originalmente utilizada em procissões, que representavam na maior parte das vezes cenas da Paixão de Cristo, junto aos cenários rochosos, por isso a denominação roca, rocha em espanhol.

As imagens eram construídas com armação em ripas de madeira da cintura para baixo e a parte superior esculpida de forma simplificada, sobre a qual se colocavam as vestes, tornando-as mais leves e apropriadas para o transporte. Ainda eram versáteis, pois permitiam, com a troca dos tecidos, cabeça e atributos, a mudança das figuras representadas.



São Benedito
Século XVIII
Madeira (corpo) e
barro (cabeça)

Araçariguama, SP

PARA SABER MAIS

COELHO, Beatriz (Org.). *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005.

ETZEL, Eduardo. *Imagens religiosas de São Paulo: apreciação histórica*. São Paulo: Melhoramentos e Editora da USP, 1971.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. "Imagens de roca e de vestir na Bahia". In: *Revista Ohun*, ano 2, nº2, 2005.
Disponível em pdf no site:
www.revistaohun.ufba.br/imagensderoca



PROPOSTA DE ATIVIDADE

Esta proposta permite experimentar uma das técnicas que compõe a policromia das esculturas - o esgrafito, que consiste em uma camada de tinta aplicada sobre o douramento, e depois raspada com uma ponta seca revelando a camada subjacente, criando motivos decorativos, usualmente fitomorfos. Nesta atividade, utilizaremos a tinta nanquim e pincel para aplicação, papel laminado amarelo, que simulará a camada de douramento e palitos de dente, que servirão como ponta seca.

O primeiro passo é aplicar o nanquim sobre o papel laminado. Esperar secar. Na sequência, o palito de dente deve ser utilizado para remover a camada de tinta, formando desenhos e revelando a cor do papel.

Oriente para o trabalho com linhas, que formem grafismos e texturas visuais, enriquecendo os desenhos.

